

MILAN KUNDERA

# *A IMORTALIDADE*

Tradução

TERESA BULHÕES CARVALHO DA FONSECA

ANNA LUCIA MOOJEN DE ANDRADA



Copyright © 1990 by Milan Kundera  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

L'Immortalité

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Imagen de capa*

Dominique Corbasson/ cwc-i.com

*Preparação*

Silvia Massimini Felix

*Revisão*

Jane Pessoa

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Kundera, Milan

A imortalidade / Milan Kundera; tradução Teresa Bulhões  
Carvalho da Fonseca, Anna Lucia Moojen de Andrade — 1<sup>a</sup> ed.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: L'Immortalité.

ISBN 978-85-359-2528-9

1. Romance tcheco I. Título.

---

14-12885

CDD-891.863

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura tcheca 891.863

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## *Sumário*

|  |     |
|--|-----|
| PARTE I: O ROSTO .....   | 7   |
| PARTE II: A IMORTALIDADE .....   | 55  |
| <br>   |     |
| PARTE III: A LUTA .....  | 105 |
| As irmãs .....   | 107 |
| Os óculos escuros .....  | 111 |
| O corpo .....  | 115 |
| A adição e a subtração .....   | 119 |
| A mulher mais velha do que o homem,<br>o homem mais moço do que a mulher ..... | 123 |
| O décimo primeiro mandamento .....   | 129 |
| A imagologia .....   | 134 |
| O brilhante aliado de seus coveiros .....                                      | 140 |
| O burro total .....  | 146 |
| A gata .....   | 153 |
| O gesto de protesto contra os atentados<br>aos direitos do homem .....         | 158 |
| Ser absolutamente moderno .....  | 163 |
| Ser vítima de sua glória .....   | 168 |
| A luta .....   | 172 |

|  |            |
|--|------------|
| O professor Avenarius .....                      | 178        |
| O corpo .....                                    | 184        |
| O gesto do desejo de imortalidade .....          | 189        |
| A ambiguidade .....                              | 194        |
| A vidente .....                                  | 199        |
| O suicídio .....                                 | 203        |
| Os óculos escuros .....                          | 209        |
| <br>   |            |
| <b>PARTE IV: <i>HOMO SENTIMENTALIS</i></b> ..... | <b>215</b> |
| <br>   |            |
| <b>PARTE V: O ACASO</b> .....                    | <b>255</b> |
| <br>   |            |
| <b>PARTE VI: O MOSTRADOR</b> .....               | <b>315</b> |
| <br>   |            |
| <b>PARTE VII: A CELEBRAÇÃO</b> .....             | <b>387</b> |

# 1

A senhora poderia ter sessenta, sessenta e cinco anos. Eu a olhava de minha espreguiçadeira, recostado diante da piscina de um clube de ginástica no último andar de um prédio moderno de onde se via Paris inteira através de imensas janelas envidraçadas. Esperava o professor Avenarius, com quem me encontro ali de vez em quando para discutir umas coisas e outras. Mas o professor Avenarius não chegava, e eu olhava a senhora; só, na piscina, imersa até a cintura, ela olhava o jovem professor de natação que, de roupão, em pé um pouco acima de onde ela estava, lhe dava uma aula. Obedecendo a suas ordens, ela apoiou-se na borda da piscina para inspirar e expirar profundamente. Fez isso com seriedade, com zelo, e era como se das profundezas das águas se elevasse a voz de uma velha locomotiva a vapor (essa voz idílica, hoje esquecida, só posso transmitir aos que não a conheceram, comparando à respiração de uma senhora de idade que inspira e expira na borda de uma piscina). Olhava-a fascinado. Seu ar cômico pungente me cativava (esse ar cômico, o professor de natação também percebia, pois os cantos de seus lábios pareciam tremer a toda hora), mas alguém falou comigo e desviou minha atenção. Pouco depois, quando quis voltar a ob-

servá-la, a aula havia terminado. Ela foi embora, de maiô, andando ao longo da piscina, e, quando já tinha ultrapassado o professor de natação aproximadamente uns quatro ou cinco metros, virou a cabeça para ele, sorriu e fez um gesto com a mão. Meu coração apertou-se. Esse sorriso, esse gesto, eram de uma mulher de vinte anos! Sua mão tinha girado no ar com uma leveza encantadora. Como se, brincando, ela jogasse para seu amante um balão colorido. Esse sorriso e esse gesto eram cheios de encanto, enquanto o rosto e o corpo não o eram mais. Era o encanto de um gesto sufocado no não encanto do corpo. Mas a mulher, mesmo que soubesse que não era mais bonita, esqueceu isso naquele momento. Por uma certa parte de nós mesmos, vivemos todos além do tempo. Talvez só tomemos consciência de nossa idade em certos momentos excepcionais, sendo, na maior parte do tempo, uns sem-idade. Em todo caso, no momento em que se virou, sorriu e fez um gesto com a mão para o professor de natação (que não foi capaz de se conter e caiu na gargalhada), ela não tomava conhecimento de sua idade. Graças a este gesto, no espaço de um segundo, uma essência de seu encanto, que não dependia do tempo, revelava-se e me encantava. Fiquei estranhamente comovido. E o nome Agnès surgiu em meu espírito. Agnès. Nunca conheci uma mulher com esse nome.

## 2

Estou na cama, mergulhado na doçura de um torpor. Às seis horas, depois do primeiro e leve despertar, estendo a mão para o pequeno rádio que está perto do meu travesseiro e aperto o botão. Ouço as notícias da manhã, mal distinguindo as palavras, e durmo de novo, durmo tanto que as frases que escuto transformam-se em sonhos. É a fase mais bela do sono, o mais delicioso momento do dia: graças ao rádio, saboreio meus eternos despertares e cochilos, esse embalo soberbo entre a vigília e o sono, esse movimento que por si só me tira o desgosto de ter nascido. Será que sonho ou estou realmente na ópera, diante de dois atores vestidos de cavaleiros que falam com entonações acentuadas e variadas a previsão do tempo? Por que será que não fazem isso com o amor? Depois comprehendo que se trata de locutores, não falam mais, mas se interrompem um ao outro brincando.

— O dia será quente, tórrido, haverá tempestade, diz o primeiro, que o outro interrompe, fazendo graça:

— Não é possível! O primeiro responde no mesmo tom:

— Mas sim, Bernard. Sinto muito, mas não há escolha. Um pouco de coragem!

Bernard cai na gargalhada e declara:

— Eis o castigo de nossos pecados.

E o primeiro:

— Por que, Bernard, tenho de sofrer pelos seus pecados?

Então Bernard ri ainda mais, para deixar claro aos ouvintes de que pecado se trata, e eu o comprehendo: existe apenas uma coisa que todos desejamos: que o mundo inteiro nos considere grandes pecadores! Que nossos vícios sejam comparados aos temporais, às tempestades, aos furacões! Ao abrir hoje o guarda-chuva em cima da cabeça, que cada francês pense com inveja no riso equívoco de Bernard. Giro o botão esperando dormir novamente em companhia de imagens mais interessantes. Na estação ao lado, uma voz de mulher anuncia que o dia será quente, tórrido, tempestuoso, e alegro-me de ver que na França temos tantas estações de rádio, e que todas, no mesmo momento, falam a mesma coisa. O feliz casamento da uniformidade com a liberdade, o que é que a humanidade poderia desejar de melhor? Portanto volto à estação onde Bernard se gabava de seus pecados; mas, em seu lugar, uma voz de homem entoa um hino ao último modelo da fábrica Renault, giro ainda o botão, um coro de mulheres enaltece as liquidações de casacos de pele, volto para Bernard, a tempo de ouvir os últimos compassos do hino à Renault, depois o próprio Bernard retoma a palavra. Imitando a melodia que havia terminado, nos informa com uma voz cantante que acabava de aparecer uma biografia de Hemingway, a centésima vigésima sétima, mas essa realmente muito importante, porque demonstra que, em toda a sua vida, Hemingway não disse uma só palavra verdadeira. Aumentou o número de seus ferimentos de guerra, fingiu ser um grande sedutor quando ficou provado que em agosto de 1944, e depois a partir de julho de 1959, ele estava completamente impotente.

— Não é possível, disse a voz risonha do outro, e Bernard responde brincando:

— Mas é verdade..., e voltamos todos para o palco da ópera, até Hemingway, o impotente, vai conosco, depois uma voz muito grave evoca um processo que no decorrer das

últimas semanas emocionou toda a França: durante uma operação sem importância, uma anestesia malfeita provocou a morte de um doente. Em consequência disso, a organização encarregada de defender os “consumidores”, assim ela nos chama a todos, propõe filmar no futuro todas as intervenções cirúrgicas e guardar os filmes em arquivos. Esse seria o único meio, segundo a organização “para a defesa dos consumidores”, de garantir a um francês morto pelo bisturi que ele seria devidamente vingado pela justiça. Depois durmo novamente.

Quando acordei, eram quase oito e meia; imaginei Agnès. Como eu, ela está deitada numa grande cama. A metade direita da cama está vazia. Quem é o marido? Aparentemente, alguém que sai cedo no sábado. É por isso que ela está só e oscila deliciosamente entre o despertar e o sonho.

Depois se levanta. Em frente a ela, num suporte comprido, está uma televisão. Joga sua camisola, que cobre a tela como um cortinado branco. Pela primeira vez a vejo nua, Agnès, a heroína de meu romance. Ela está de pé, é bonita, não posso tirar os olhos dela. Finalmente, como se tivesse sentido meu olhar, some no quarto vizinho e se veste.

Quem é Agnès?

Assim como Eva saiu de uma costela de Adão, assim como Vênus nasceu da espuma, Agnès surgiu de um gesto de uma senhora sexagenária, que vi na borda da piscina, dando adeus a seu professor de natação, e cujos traços já se apagam na minha memória. Seu gesto despertou em mim uma imensa, uma incompreensível nostalgia, e essa nostalgia gerou o personagem a quem deu o nome de Agnès.

Mas o homem não se define, e um personagem de romance menos ainda, como um ser único e inimitável? Como então é possível que o gesto observado numa pessoa A, esse gesto que formava com ela um todo, que a caracterizava, que criava seu encanto singular, seja ao mesmo tempo a essência de uma pessoa B e de toda a minha fantasia sobre ela? Isso convida a uma reflexão:

Se nosso planeta viu passar oitenta bilhões de seres humanos, é pouco provável que cada um deles tenha seu pró-

prio repertório de gestos. Matematicamente, é impensável. Ninguém duvida que não haja no mundo incomparavelmente menos gestos do que indivíduos. Isso nos leva a uma conclusão chocante: um gesto é mais individual do que um indivíduo. Para dizer isso em forma de provérbio: *muitas pessoas, poucos gestos.*

Falei no primeiro capítulo a respeito da senhora de maiô, que, “no espaço de um segundo, uma essência de seu encanto, que não dependia do tempo, revelava-se, e me encantava”. É o que eu pensava, mas estava enganado. O gesto não revelou absolutamente uma essência da senhora, ou melhor, deveríamos dizer que a senhora me revelou o encanto de um gesto. Pois não podemos considerar um gesto nem como a propriedade de um indivíduo, nem como sua criação (ninguém tem condições de criar um gesto próprio, inteiramente original e pertencente só a si), nem mesmo como seu instrumento; o contrário é verdadeiro: são os gestos que se servem de nós; somos seus instrumentos, suas marionetes, suas encarnações.

Agnès, tendo terminado de se vestir, apressou-se em sair. Na saída do quarto, parou um instante para escutar. Um vago ruído no quarto vizinho indicava que sua filha acabara de acordar. Como para evitar um encontro, apertou o passo e apressou-se em deixar o apartamento. No elevador, apertou o botão do térreo. Em vez de andar, o elevador tremeu convulsivamente, como um homem com a doença de São Guido. Não era a primeira vez que os humores da máquina a surpreendiam. Ora subia quando ela queria descer, ora se recusava a abrir a porta e a mantinha prisioneira uma meia hora. Como se quisesse entabular uma conversa, como se quisesse comunicar-lhe alguma coisa de urgente com seus meios depcionantes de animal mudo. Por diversas vezes já se queixara à porteira; mas esta, já que o elevador se comportava corretamente com os outros locatários, não via na questão entre Agnès e ele senão um problema particular, e não lhe dava a menor atenção. Agnès teve que sair e descer a

pé. Assim que ela o deixou, o elevador acalmou-se e por sua vez desceu.

Sábado era o dia mais cansativo. Paul, seu marido, saía antes das sete horas, e almoçava com um amigo, enquanto ela aproveitava o dia livre para resolver uma quantidade de obrigações mais penosas do que seu trabalho no escritório: ir ao correio, aguentar uma meia hora de fila, fazer as compras no supermercado, brigar com a vendedora, perder tempo diante da caixa, telefonar para o bombeiro, suplicar-lhe para passar numa hora determinada para evitar de esperá-lo o dia inteiro. Entre dois compromissos, esforçava-se em encontrar um momento para a sauna, onde nunca tinha tempo de ir durante a semana, e passava o fim da tarde manejando o aspirador e o pano de pó, porque a faxineira, que vinha na sexta-feira, negligenciava seu trabalho cada vez mais.

Mas esse sábado era diferente dos outros: era o quinto aniversário da morte de seu pai. Uma cena voltava-lhe ao espírito: seu pai está sentado, inclina-se sobre um monte de fotografias rasgadas, e a irmã de Agnès grita:

— Por que você está rasgando as fotos de mamãe? Agnès defende seu pai, as duas irmãs brigam, tomadas por uma súbita raiva.

Ela entrou em seu carro estacionado em frente de casa.

# 3

Um elevador levou-a ao último andar de um edifício moderno, onde o clube se instalara com sala de ginástica, piscina, pequeno lago com ondas, sauna e vista sobre Paris. No vestiário, os alto-falantes espalhavam música de rock. Dez anos antes, quando Agnès se inscrevera, os sócios eram poucos e o ambiente, calmo. Depois, de um ano para o outro, o clube melhorou: havia cada vez mais vidro, mais luzes, plantas artificiais, alto-falantes, música, cada vez mais frequentadores, cujo número ainda dobrou no dia em que se refletiram nos imensos espelhos que a direção decidiu instalar em todas as paredes da sala de ginástica.

Agnès abriu seu armário e começou a despir-se. Duas mulheres conversavam perto dela. Com uma voz lenta e doce de contralto, uma se queixava de um marido que deixava tudo espalhado pelo chão: seus livros, suas meias, até seu cachimbo e seus fósforos. A outra, uma soprano, tinha uma cadência duas vezes mais rápida; a maneira francesa de subir uma oitava no fim da frase lembrava o cacarejo indignado de uma galinha:

— Essa agora, você me decepciona! Me dá pena! Não é possível! Ele não pode fazer isso! Não é possível! Você está

na sua casa! Tem seus direitos! A outra, como que dividida entre uma amiga em quem reconhecia autoridade e um marido a quem amava, explicava melancolicamente:

— O que você quer. Ele é assim. Ele sempre foi assim. Sempre deixou as coisas espalhadas pelo chão.

— Pois bem, que ele pare com isso! Você está na sua casa! Tem direitos! Eu nunca poderia suportar isso!

Agnès não participava nesse gênero de conversa; nunca falava mal de Paul, mesmo sabendo que isso a distanciava um pouco das outras mulheres. Ela virou a cabeça em direção à voz aguda: era uma moça muito jovem, com cabelos claros e um rosto de anjo.

— Ah, não, de modo algum! Você tem seu direito! Não abaixe a cabeça!, continuou o anjo, e Agnès percebeu que suas palavras eram acompanhadas por curtos e rápidos movimentos de cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, enquanto os ombros e as sobrancelhas levantavam como que para demonstrar um espanto indignado com a ideia de que se pudesse desconhecer os direitos humanos de sua amiga. Agnès conhecia esse gesto: sua filha Brigitte balançava a cabeça exatamente do mesmo modo.

Uma vez despida, fechou o armário à chave e entrou pela porta de vaivém numa sala ladrilhada, onde de um lado estavam as duchas; do outro, a porta envidraçada da sauna. Era lá que estavam as mulheres, apertadas lado a lado em bancos de madeira. Algumas usavam uma capa de plástico especial, que formava em torno do corpo (ou de uma parte dele, especialmente barriga e nádegas) uma espécie de embalagem hermética que provoca uma intensa transpiração e a esperança de emagrecimento.

Agnès subiu para o mais alto dos bancos ainda disponíveis. Apoiou-se na parede e fechou os olhos. A barulheira da música não chegava até ali, mas as vozes misturadas das mulheres, que falavam todas ao mesmo tempo, ressoavam tão forte quanto ela. Uma jovem desconhecida entrou, e desde a soleira começou a comandar as outras: fez apertar ainda mais as fileiras para abrir espaço junto ao calor, depois

se inclinou para apanhar o balde e entornou-o sobre o fogareiro. Com um chiado, o vapor fervendo foi em direção ao teto, e uma mulher sentada ao lado de Agnès protegeu o rosto com as mãos, fazendo uma careta de dor. A desconhecida percebeu isso e declarou:

— Gosto que o vapor ferva, isso prova que estamos numa sauna! Plantou-se entre dois corpos nus, e começou a falar sobre o programa de televisão da véspera onde se apresentara um célebre biólogo que acabara de publicar suas memórias.

— Ele estava maravilhoso, disse ela.

Uma outra aprovou:

— É mesmo! E tão modesto!

A desconhecida continuou:

— Modesto? Você não compreendeu que esse homem é incrivelmente orgulhoso, mas o orgulho dele me agrada! Adoro as pessoas orgulhosas! E virou-se para Agnès.

— Por acaso você o achou modesto?

Agnès disse que não tinha assistido ao programa: como se essa resposta implicasse uma discordância secreta, a desconhecida repetiu com firmeza, olhando Agnès nos olhos:

— Não suporto a modéstia! Os modestos são uns hipócritas!

Agnès levantou os ombros, e a jovem desconhecida continuou.

— Numa sauna, é preciso que haja calor. Quero transpirar aos borbotões. Mas depois é preciso uma ducha fria. Adoro as duchas frias! Eu não entendo as pessoas que, depois da sauna, tomam duchas quentes. Em casa só tomo duchas frias. Tenho horror a duchas quentes.

Não demorou a sufocar; tanto que, depois de ter repetido quanto detestava a modéstia, levantou-se e desapareceu.

Na sua infância, durante um dos passeios que fazia com seu pai, Agnès lhe perguntara se ele acreditava em Deus. Ele respondeu:

— Acredito no computador do Criador. A resposta era tão estranha que a criança a guardara. Computador não era

a única palavra estranha, Criador também era. Pois o pai não falava nunca de Deus, mas sempre do Criador, como se quisesse limitar a importância de Deus unicamente à sua performance como engenheiro. O computador do Criador: mas como um homem poderia comunicar-se com um aparelho? Ela então perguntou ao pai se ele costumava rezar. Ele disse:

— Tanto quanto costumo rezar para Edison quando uma lâmpada queima.

E Agnès pensa: o Criador pôs no computador um disquete com um programa detalhado, e depois foi embora. Que depois de criar o mundo, Deus o tenha deixado à mercê de homens abandonados e, ao se dirigir a Ele, caem num vazio sem eco, esta ideia não é nova. Mas se ver abandonado pelo Deus de nossos antepassados é uma coisa, e uma outra é ser abandonado pelo inventor divino do computador cósmico. Em seu lugar fica um programa que se desenrola implacavelmente em sua ausência, sem que se possa mudar o que quer que seja. Programar o computador; isso não quer dizer que o futuro seja planejado em detalhes, nem que “lá em cima” tudo esteja escrito. Por exemplo, o programa não estipulava que em 1815 ocorresse a batalha de Waterloo, nem que os franceses a perdessem, mas apenas que o homem é por natureza agressivo, que a guerra lhe é consubstancial, e que o progresso técnico a tornará cada vez mais atroz. Do ponto de vista do Criador, todo o resto é sem importância, simples jogo de variações e de permutas num programa geral que nada tem a ver com uma antecipação profética do futuro, mas determina apenas o limite das possibilidades; entre esses limites deixa todo o poder ao acaso.

O homem é um projeto do qual se pode dizer a mesma coisa. Nenhuma Agnès, nenhum Paul foi planejado num computador, mas apenas um protótipo: o *ser humano*, tirado em miríades de exemplares que são simples derivados do modelo primitivo, que não tem nenhuma essência individual. Não mais essência individual do que tem um carro saído da fábrica Renault, a essência do carro tem de ser procurada além desse carro, nos arquivos do construtor. Apenas um

número de série distingue um carro do outro. Num exemplar humano, o número é o rosto, esse conjunto de traços acidental e único. Nem o caráter, nem a alma, nem aquilo que chamamos *o eu* se distinguem nesse conjunto. Esse rosto apenas numera um exemplar.

Agnès lembra-se da desconhecida que acabara de proclamar a sua raiva das duchas quentes. Ela tinha vindo revelar a todas as mulheres presentes 1) que gostava de transpirar, 2) adorava os orgulhosos, 3) desprezava os modestos, 4) adorava as duchas frias, 5) detestava as duchas quentes. Em cinco traços ela desenhara seu autorretrato, em cinco pontos definira seu eu e o oferecera a todo o mundo. E ela não o oferecera modestamente (afinal de contas declarara seu desprezo pelos modestos), mas à maneira de uma militante. Empregara verbos apaixonados, adoro, desprezo, detesto, como que para se mostrar pronta a defender passo a passo os cinco traços de seu retrato, os cinco pontos de sua definição.

Por que essa paixão, perguntou-se Agnès, e pensou: uma vez despachados para o mundo tal qual somos, primeiro temos que nos identificar com esse jogo de dados, com esse acidente organizado pelo computador divino: deixar de nos espantarmos precisamente que *isso* (essa coisa que nos confronta no espelho) seja nosso eu. Se não estivéssemos convencidos de que nosso rosto expressa nosso eu, se não tivéssemos a ilusão primeira e fundamental, não teríamos podido continuar a viver, ou pelo menos levar a vida a sério. E não seria ainda suficiente nos identificarmos com nós mesmos, precisaríamos de uma identificação *apaixonada* com a vida e com a morte. Pois é graças a essa única condição que não aparecemos a nossos próprios olhos como uma simples variante do protótipo humano, mas como seres dotados de uma essência própria e intransferível. Eis por que a jovem desconhecida sentiu necessidade não apenas de desenhar seu retrato, mas ao mesmo tempo de revelar a todo mundo que esse retrato encerrava alguma coisa de inteiramente única e insubstituível pela qual valia a pena lutar e mesmo dar a vida.

Depois de passar quinze minutos no calor da estufa, Agnès levantou-se e foi mergulhar na piscina de água gelada. Em seguida, foi para a sala de repouso e deitou-se entre as outras mulheres que, ali, também não paravam de falar.

Uma pergunta passava-lhe pela cabeça: depois da morte, que existência o computador programara?

Dois casos são possíveis: se o computador do Criador tem como único campo de ação nosso planeta, e se é dele, e apenas dele, que dependemos, não podemos esperar depois da morte senão uma variação daquilo que conhecemos durante a vida; encontraremos apenas paisagens semelhantes, e criaturas semelhantes. Ficaremos sozinhos ou numa multidão? Ah! A solidão é tão pouco provável, na vida ela já é rara, então o que dizer depois da morte! Há tão mais mortos do que vivos! Na melhor hipótese a existência depois da morte parecerá com o que Agnès está vivendo na sala de repouso: por todo o lado ela ouvirá um incessante falatório de mulheres. A eternidade como um falatório infinito: para ser franca poderia se imaginar pior, mas mesmo a ideia de ter de ouvir essas vozes de mulher sempre, sem trégua, e eternamente, é para Agnès uma razão suficiente para agarrar-se furiosamente à vida, e retardar a morte o máximo possível.

Mas uma outra eventualidade se apresenta: acima do computador terrestre, há outros que lhe são hierarquicamente superiores. Nesse caso, a existência depois da morte necessariamente não deveria parecer com o que já vivemos, e o homem poderia morrer com uma esperança vaga mais justificada. Agnès vê, então, uma cena que nesses últimos tempos ocupa sua imaginação: em casa, ela e Paul recebem a visita de um desconhecido. Simpático, afável, senta-se numa poltrona em frente a eles e entabula uma conversa. Paul, encantado com esse visitante estranhamente amável, mostra-se afável, falante, amistoso, e decide buscar um álbum onde estão guardados os retratos de família. O visitante o folheia, mas certas fotos o deixam perplexo. Por exemplo, diante da que representa Agnès e Brigitte ao pé da torre Eiffel, ele pergunta:

— Quem é?

— Você não a está reconhecendo? É Agnès! E aqui é nossa filha, Brigitte!

— Eu sei, disse a visita; estou falando dessa estrutura. Paul olha para ele com espanto:

— Mas é a torre Eiffel!

— Ah! bom, disse a visita, então essa é a famosa torre! Fala no tom de um homem a quem você mostra o retrato de seu avô e que declara:

— Então ele é o avô de quem tanto ouvi falar! Estou encantado devê-lo finalmente!

Paul fica desconcertado, Agnès nem tanto. Ela sabe quem é esse homem. Sabe por que ele veio, e que perguntas vai fazer a eles. É exatamente por isso que ela se sente um pouco nervosa. Ela gostaria de conseguir ficar a sós com ele, mas não sabe como fazê-lo.